FILOSOFIA

1

Leia o texto a seguir.

> A felicidade e a liberdade começam com a clara compreensão de um princípio: algumas coisas estão sob nosso controle e outras não. Só depois de aceitar essa regra fundamental e aprender a distinguir entre o que podemos e o que não podemos controlar é que a tranquilidade interior e a eficácia tornam-se possíveis. Mantenha sua atenção inteiramente concentrada no que de fato lhe compete e tenha sempre em mente que aquilo que pertence aos outros é problema deles, e não seu. Se agir assim, estará imune a coações e ninguém o poderá reprimir. Será verdadeiramente livre e eficiente em suas ações, pois seus esforços serão canalizados para boas atividades, e não desperdiçados em críticas ou confronto com outras pessoas.
>
> (Adaptado de: EPICTETO. *A arte de viver/Epicteto*: uma nova interpretação de Sharon Lebell. Tradução de: Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. p.21-23.)

Epicteto (55 d.C. – 135 d.C.), pensador grego, nasceu e viveu parte da sua vida como escravo, tornou-se professor e ficou conhecido na história da filosofia pelas lições de como viver bem e como desenvolver qualidades morais.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre esse filósofo, discorra sobre como o estoicismo de Epicteto fundamenta a vida virtuosamente plena e feliz.

QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: 1º Eixo Temático: Problemas Políticos e Éticos na filosofia – Problema ético: virtude, liberdade, emancipação e dever.

Resposta esperada:

Diferente dos principais filósofos de sua época, que se esforçavam em elaborar teorias sobre o funcionamento da natureza, o pensamento de Epicteto era voltado exclusivamente para reflexões sobre a ética, ou seja, para as questões comezinhas do dia a dia e de como devemos proceder para ter uma vida boa e feliz. Com ênfase no autoconhecimento e na realização plena da vida individual, tinha como objetivo identificar quais as atitudes que as pessoas deveriam adotar para conduzir a vida, a despeito das dificuldades inevitáveis do cotidiano e de como as futilidades da vida social facilmente nos desviam do caminho para alcançar a felicidade e a paz interior. A forma simples com que Epicteto expressa suas mensagens já sugere que qualquer pessoa é capaz de desenvolver um progresso moral. A vida boa não é, portanto, um privilégio restrito às elites intelectuais, econômicas ou sociais. Epicteto não idealiza uma perfeição moral, nem oferece um rol de deveres para ser seguido, mas enfatiza, em suas lições, orientadas pelos princípios gerais do estoicismo, que é preciso controlar nossos desejos, conhecer a nós mesmos, observar a natureza e aceitar o determinismo que está fora do nosso controle. A vida sábia e virtuosa consiste em desapegar das ilusões fugazes das conquistas sociais e materiais, bem como a verdadeira liberdade é escolher as atividades eficazes que nos conduzem à serenidade e à paz interior.

2

Leia o texto a seguir.

> O filósofo, repito, não fabrica os instrumentos necessários às necessidades correntes. Por que atribuir-lhe uma atividade tão subalterna quando ele, na realidade, é um "artista da vida"? As outras artes, aliás, também estão sob o seu domínio. Se é a filosofia que governa a nossa vida, deve também ela governar os acessórios da nossa vida; o seu fim supremo, porém, é determinar em que consiste a felicidade e em guiar-nos pela via que conduz a esse fim. A sua tarefa é distinguir os males reais dos males aparentes, é libertar os espíritos de vãs ilusões, é instilar neles uma grandeza efetiva e reprimir as exageradas aparências derivadas de juízos fúteis, é evitar toda e qualquer confusão entre grandeza real e presunção; é, em suma, facultar-nos o conhecimento da natureza, inclusive da natureza da própria filosofia.
>
> (Adaptado de: SÊNECA. Cartas a Lucílio. Tradução de: J. A. Segurado e Campos. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. A Lucílio, IX, 90, 27-28. p.448-449.)

Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) foi um intelectual e político do Império Romano, notável pelos seus escritos sobre a vida, a morte e a felicidade.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Sêneca, discorra sobre o propósito estoico de sua filosofia.

QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: 1º Eixo Temático: Problemas Políticos e Éticos na filosofia – Problema ético: virtude, liberdade, emancipação e dever.

Resposta esperada:

Sêneca conscientiza o ser humano de que a vida é efêmera e permeada de dores inevitáveis, mas também oferece, através de sua filosofia, caminhos para a salvação pessoal e para a realização da vida plena e feliz. Há duas premissas fundamentais de seu pensamento: que somos animais sociais e temos a capacidade de pensar. Isso implica que devemos conhecer o funcionamento da natureza para viver e conviver de acordo com suas determinações, e que só haverá sentido para a vida humana, individual e coletiva, quando usarmos a razão para: conhecer a natureza, para melhorarmos como indivíduos e para encontrar meios de ajudar uns aos outros. Sêneca identificou, entre as emoções humanas, aquelas que são negativas (ou destrutivas), como a ira, o medo e o ódio, e as positivas (ou construtivas), como a alegria, o amor e a justiça. Embora os maus sentimentos e as adversidades sejam inevitáveis, não podemos sucumbir diante deles, mas sim cultivar as boas emoções e buscar a paz dentro de nós, caso contrário, não seremos capazes de desfrutar o que a vida potencialmente oferece. O ser humano não deve ser apenas resiliente, mas resiliente e feliz. O propósito da filosofia de Sêneca é, mesmo diante da finitude e das adversidades inevitáveis, libertar o espírito das ilusões e emoções negativas para ter paz interior e conduzir a vida para sua realização plena e feliz.

3

Leia o texto a seguir.

O advento da filosofia, na Grécia, marca o declínio do pensamento mítico e o começo de um saber de tipo racional. Da origem do mundo, de sua composição, de sua ordem, dos fenômenos meteorológicos, propõem explicações livres de toda a imaginária dramática das teogonias e cosmogonias antigas. Nada existe que não seja natureza, *physis*. As vias pelas quais essa *physis* nasceu, diversificou-se e organizou-se são perfeitamente acessíveis à inteligência humana: a natureza não operou "no começo" de maneira diferente de como o faz ainda. O original e o primordial despojam-se de sua majestade e de seu mistério; têm a banalidade tranquilizadora dos fenômenos familiares. Para o pensamento mítico, a experiência cotidiana se esclarecia e adquiria sentido em relação aos atos exemplares praticados pelos deuses "na origem". Invertem-se os termos da comparação entre os jônios. Os acontecimentos primitivos, as forças que produziram o cosmos se concebem à imagem dos fatos que se observam hoje e dependem de uma explicação análoga. Já não é o original que ilumina e transfigura o cotidiano; é o cotidiano que torna o original inteligível, fornecendo modelos para compreender como o mundo se formou e ordenou.

(Adaptado de: VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego.* Tradução de: Ísis Borges B. da Fonseca. 19.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010. p.109-110.)

Com base nesse texto e nos conhecimentos sobre a passagem do mito à filosofia, discorra sobre os modelos mítico e filosófico de compreensão do mundo.

QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: Tema Introdutório Básico: A passagem do Mito para o Logos no surgimento da Filosofia.

Resposta esperada:

Desde tempos imemoriais, o esforço para explicar as causas dos fenômenos da natureza e o sentido da própria existência despertou no imaginário humano diversos modelos de interpretação do mundo. Os modelos pretendem responder às questões que incidem em cada contexto histórico e que se modificam conforme o desenvolvimento social e a progressão das técnicas de domínio da natureza. No período mitológico, as narrativas poéticas atribuíam ao poder e à contingência da vontade dos deuses a determinação do ritmo da vida e dos eventos naturais, estabelecendo, assim, um sentido para o mundo que se revelava pela interpretação dos exemplos de conduta, de luta e de dramas vividos pelas personagens narradas nas histórias sobrenaturais. Contudo, pela observação direta e sistemática do comportamento da natureza, percebeu-se que há uma previsibilidade e uma regularidade dos eventos compatíveis à compreensão humana, o que abriu as portas para a concepção de modelos racionais e não fantasiosos sobre o Universo e a vida. A transição da interpretação mítica para o modelo racional filosófico consiste na inédita busca desse logos, ou seja, dessas forças e leis intrínsecas à *physis* que permitem a previsibilidade dos desdobramentos dos seus fenômenos. A harmonia entre os elementos da natureza se estende, também, como exemplo de organização e sentido para a própria vida. Historicamente, essa ruptura entre os modelos míticos e filosóficos de interpretação do mundo ocorreu de forma abrupta na Grécia do século VI a.C., momento conhecido como "milagre grego".

4

Leia o texto a seguir.

> Até hoje se assumiu que todo o nosso conhecimento teria de regular-se pelos objetos; mas todas as tentativas de descobrir algo sobre eles *a priori*, por meio de conceitos, para assim alargar nosso conhecimento, fracassaram sob essa pressuposição. É preciso verificar pelo menos uma vez, portanto, se não nos sairemos melhor, nas tarefas da metafísica, assumindo que os objetos têm de regular-se por nosso conhecimento, o que já se coaduna melhor com a possibilidade, aí visada, de um conhecimento *a priori* dos mesmos capaz de estabelecer algo sobre os objetos antes que nos sejam dados. Isso guarda uma semelhança com os primeiros pensamentos de Copérnico, que, não conseguindo avançar muito na explicação dos movimentos celestes sob a suposição de que toda a multidão de estrelas giraria em torno do espectador, verificou se não daria mais certo fazer girar o espectador e, do outro lado, deixar as estrelas em repouso.
>
> (KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de: Fernando Costa Mattos. 4.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. p.29-30. (Coleção Pensamento Humano))

Immanuel Kant (1724–1804), ao recomendar uma inversão dos papéis das fontes do conhecimento, faz alusão a Copérnico e sua proposta de substituir o modelo geocêntrico pelo modelo heliocêntrico.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Teoria do Conhecimento, discorra sobre o significado da "Revolução Copernicana" no pensamento de Immanuel Kant.

QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: 2º Eixo Temático: Problemas Epistemológicos na Filosofia – O problema da ciência, conhecimento e método na Filosofia.

Resposta esperada:

Immanuel Kant pretendia solucionar um impasse sobre a fundamentação filosófica do conhecimento científico que se arrastava desde a antiguidade. A metafísica tradicional reivindicava para si a prerrogativa de explicar os fenômenos da natureza, estabelecendo a razão como fonte provedora e exclusiva do verdadeiro conhecimento sobre o mundo. A tradição empirista, de índole antimetafísica, restringia o conhecimento científico aos dados captados pela experiência sensorial e reduzia a mente humana a uma tábula rasa receptora passiva das informações. Assim, o conhecimento é regulado a partir das informações oriundas dos objetos. A formação filosófica de Kant teve forte influência do racionalismo alemão, sobretudo de Gottfried Leibniz e Christian Wolff, mas os avanços e as inegáveis conquistas das formulações teóricas de Isaac Newton, no século XVII, no campo das ciências empíricas, bem como as críticas de David Hume contra a metafísica, mudaram a compreensão de Kant sobre as tradicionais teorias do conhecimento. É neste contexto que Kant propõe uma revisão do papel da razão e dos sentidos na constituição do saber, pois, se o conhecimento é regulado pelo objeto ou se ele se reduz à sua observação, como esse conhecimento poderia ser ampliado mediante conceitos universais prévios? Aludindo a Copérnico, que desconstruiu o antigo paradigma geocêntrico ao descrever a Terra orbitando o Sol, Kant propõe que os dados captados sensorialmente deveriam ser regulados pelas funções lógicas da razão humana, invertendo, portanto, a posição do sujeito e do objeto na constituição do saber científico sobre a natureza. Deste modo, Kant promove uma "Revolução Copernicana" na epistemologia, ao alterar a topologia das fontes do conhecimento científico.